

**PRODUÇÃO E PROCESSAMENTO DE VARIANTES: O CASO DOS PRONOMES ACUSATIVOS DE TERCEIRA  
PESSOA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO<sup>1</sup>**

*PRODUCTION AND PROCESSING OF VARIANTS: THE CASE OF THIRD PERSON ACCUSATIVE PRONOUNS  
IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

Ronan Pereira<sup>2</sup>

Mariana Silva<sup>3</sup>

Catarina Rosa<sup>4</sup>

**RESUMO**

Dadas as duas possibilidades de realização lexical dos pronomes acusativos de terceira pessoa no português brasileiro, um normalmente adquirido pelas crianças (pronome forte) e outro adquirido via instrução escolar (pronome clítico), este estudo procurou compreender se a produção da variante clítica pode ser estimulada devido ao grau de monitorização da fala e se essa variação se observa no processamento destes pronomes. Por meio de duas tarefas de produção (uma espontânea e uma induzida) e uma de processamento (*sentence-matching*), observou-se que o pronome forte é priorizado na fala espontânea e o pronome clítico é priorizado na fala em situações mais monitorizadas. A tarefa de *sentence-matching* não apresentou diferenças no tempo de reação à leitura de itens com estes dois pronomes, o que poderá advir ou da inibição do pronome forte, ou da facilitação do pronome clítico após o seu uso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português brasileiro. Pronomes acusativos de terceira pessoa. Processamento da variação linguística. Monitor sociolinguístico.

**ABSTRACT**

Given the two possibilities for lexical realization of third person accusative pronouns in Brazilian Portuguese, one normally acquired by children (strong pronoun) and another one acquired via schooling (clitic pronoun), this study sought to understand if the production of the clitic variant can be stimulated by the degree of speech monitoring and if that variation can be observed in the processing of these pronouns. By means of two production tasks (spontaneous and elicited) and a processing task (*sentence-matching*), it was observed that the strong pronoun is prioritized in spontaneous speech and the clitic pronoun is prioritized in more monitored speech situations. The sentence-matching task did not show differences in reaction time to reading items with these two pronouns, which might be a consequence either of the inhibition of the strong pronoun, or of the facilitation of the clitic pronoun after its use.

**KEYWORDS:** Brazilian Portuguese. Third person accusative pronouns. Processing of linguistic variation. Sociolinguistic monitor.

<sup>1</sup> Este texto está escrito em português europeu.

<sup>2</sup> Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL), a57730@campus.fcsh.unl.pt, <https://orcid.org/0000-0003-2675-6378>.

<sup>3</sup> Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL), a2020104175@campus.fcsh.unl.pt, <https://orcid.org/0000-0002-8665-9724>.

<sup>4</sup> Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL), a55299@campus.fcsh.unl.pt, <https://orcid.org/0009-0005-1845-2114>.

## 1. Considerações iniciais

A variação linguística é inerente à linguagem humana e pode abranger todas as componentes da gramática duma língua (cf. Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006). Para Labov ([1972] 2008), havendo diferentes possibilidades de se expressar um mesmo conceito de diferentes maneiras (*i.e.*, variantes), o controlo do repertório linguístico deverá ser exercido por um monitor sociolinguístico, o qual envolve processos cognitivos mais conscientes que levarão à seleção da variante mais apropriada a depender do contexto social e do perfil social dos falantes. Contudo, embora estes fatores sociais influenciem a produção de determinadas variantes, o estudo da variação linguística também se pode voltar para a maneira como elas são adquiridas e armazenadas, explorando-se os mecanismos empregados durante não só a sua produção, mas também durante a sua percepção e o seu processamento, por meio de metodologias psicolinguísticas que envolvam, entre outras, produções induzidas, medidas de tempo de reação (TR) e de leitura, neuroimagem e efeitos de *priming* (cf. Chevrot; Drager; Foulkes, 2018).

Por exemplo, Squires (2014) submeteu os seus participantes a uma leitura automonitorizada de frases que continham diferentes classes de concordância verbal em inglês: padrão (singular + *doesn't* ou plural + *don't*); não padrão (singular + *don't*); e incomum (plural + *doesn't*). Ela constatou que o tempo de leitura era mais rápido com a construção padrão, seguida pela construção não padrão, e as incomuns aquelas com o tempo de leitura mais lento. Similarmente, Kaschak & Glenberg (2004) estudaram a variação duma construção da língua inglesa restrita a uma zona geográfica (*need* + particípio passado), em vez da construção padrão (*need to be* + particípio passado), e observaram que quem não era daquela zona apresentava um tempo de leitura mais lento para essa construção em comparação à construção tida como padrão. Estes resultados apontam no sentido de que estruturas sintáticas menos familiares são processadas com mais dificuldade, similarmente ao que ocorre com o tempo de leitura e o TR de estruturas agramaticais, que são mais lentos do que o de frases gramaticais (Duffield; Matsuo; Roberts, 2007; Luka; Barsalou, 2005). Importaneamente, tanto no estudo de Squires (2014), quanto no de Kaschak & Glenberg (2004), uma maior exposição às formas não padrão levou a uma diminuição no tempo de leitura, o que Squires (2014) considera resultar do grau de experiência que os falantes têm com as variantes, o qual pode afetar o processamento das formas em variação. Ao encontro disto, Clopper (2014) argumenta que os falantes beneficiam da exposição a diferentes variantes de forma que as suas representações mentais são expandidas para acomodá-las.

Neste sentido, a escola terá um papel central ao proporcionar uma experiência de contacto com diferentes variantes, especialmente com aquelas que não são necessariamente adquiridas pela rota natural de aquisição. Kato (2005) comenta que o conhecimento linguístico que as crianças levam para a escola pode ser referido como parte da sua gramática nuclear, adquirida naturalmente durante os primeiros anos de desenvolvimento (cf. Chomsky, 1981), podendo ser expandida àquilo que se chama 'gramática periférica', a qual se desenvolve através dos anos após a exposição do falante a diferentes variantes, como em casos de registos formais da língua ou de empréstimos linguísticos, um conceito semelhante à ideia de Clopper (2014) referida anteriormente.

Um elemento da gramática normativa do PB adquirido na escola são os pronomes acusativos de terceira pessoa (PO3) e é a variação destes pronomes o foco deste estudo. Este artigo está organizado da seguinte forma: na secção 2 aborda-se a variação nos PO3; na secção 3 apresentam-se os objetivos e hipóteses; na secção 4 detalha-se a metodologia; na secção 5 apresentam-se os resultados; na secção 6 discutem-se esses resultados; por fim, na secção 7 apresentam-se as considerações finais.

## 2. Pronomes acusativos de terceira pessoa no português brasileiro

Segundo Bechara (1999), os pronomes fazem parte duma classe de palavras cuja referência lexical é atribuída devido à situação ou ao contexto comunicativo. Para Cardinaletti & Starke (1994), eles podem ser classificados em pronomes fortes ou clíticos (além de nulos, que não têm realização fonética) de acordo com certas características que apresentam. Por exemplo, os pronomes fortes podem ser coordenados (1a) e modificados por advérbios (2a), enquanto os clíticos não o podem ser (1b, 2b). Além disto, os pronomes fortes ocupam posições que também podem ser ocupadas por sintagmas nominais (3a), ao passo que os clíticos tendem a ocupar uma posição fixa na estrutura da frase (3b, c) (Kayne, 1975).

- (1) a. Ele e ela ficaram em casa.  
b. \*Vi-os e -as na praia.
- (2) a. Só ele ficou em casa.  
b. \*Eu vi só -o.
- (3) a. O Pedro não tinha visto ele/o João.  
b. \*O Pedro não tinha visto-o.  
c. O Pedro não o tinha visto.

Independentemente do tipo de pronome, ele pode ocorrer em posição de sujeito ou objeto verbal a depender do sistema linguístico. No caso do português, a realização lexical dos PO3 ocorre tendencialmente como pronomes clíticos (PO3C) no português europeu (PE) e como pronomes fortes (PO3F) no PB (Duarte, 2020). A tabela 1 compara esses pronomes entre as duas variedades:

**Tabela 1:** Morfologia dos pronomes acusativos de terceira pessoa no PB e no PE.

	Pronomes acusativos de terceira pessoa	
	PB	PE
Singular	A Rita não viu ele/ela ontem.	A Rita não o/a viu ontem.
Plural	A Rita não viu eles/elas ontem.	A Rita não os/as viu ontem.

**Fonte:** Elaboração dos autores.

Apesar dessa diferença, não houve uma perda completa dos PO3C pelos falantes do PB, pois são reinseridos na gramática dos falantes por meio da escolarização (Kato; Cyrino; Corrêa, 2009). Neste sentido, a produção científica cujo foco foram os PO3 no PB teve um particular interesse em analisar a questão da variação entre esses PO3 sob um viés sociolinguístico. Em geral, esses estudos demonstram que o PO3C é raramente produzido espontaneamente na fala de adultos e é por isto que esse pronome não está acessível para as crianças o adquirirem naturalmente, dependendo, logo, da escola para a sua aquisição (cf. Nunes, 1993).

Um importante estudo que quantificou o uso dos PO3C foi o de Corrêa (1991). A autora recolheu dados orais e escritos de crianças e constatou que começam a produzir os PO3C na escrita já no terceiro ano de escolarização por volta de 14% dos casos. Esses pronomes só vão surgir na fala dois anos depois e a sua taxa ronda meros 3%. A autora também pôde ver que o aumento da escolaridade é responsável pelo aumento nas taxas de produções de PO3C. Dentre os participantes de nível universitário, o uso dos PO3C na modalidade escrita chegou aos 60% e na modalidade oral a quase 11%.

De facto, a diferença entre modalidades tem-se mostrado constante diatopicamente. Tome-se como exemplo os estudos de Duarte (1986) em São Paulo, de Luíze (1997) em Florianópolis e de Berbert (2015) em Vitória. As taxas de produção oral dos PO3C nos referidos estudos foram, respetivamente, de 4,9%, 1%, e 0,5%. Já Omena (1978) com dados orais de adultos não escolarizados no Rio de Janeiro não encontrou PO3C. Por outro lado, Othero *et al.* (2018) observam-nos a uma percentagem de 25% na modalidade escrita e Zanellato (2017) a uma percentagem de 16,6%.

Além do nível de escolaridade e da modalidade, o nível de formalidade da produção é outra variável responsável por condicionar a produção dos PO3C. Por exemplo, ao passo que os referidos estudos de Othero *et al.* (2018) e de Zanellato (2017) investigaram os PO3C em bandas desenhadas, Othero & Schwanke (2018) analisaram notícias jornalísticas e encontraram os PO3C a uma taxa de 62,6%.

É importante salientar que os referidos estudos não se preocuparam somente em quantificar os PO3C em oposição aos PO3F: além desses pronomes, alguns deles contabilizaram também os sintagmas nominais e as ocorrências de objeto nulo, pelo que a diferença das percentagens apresentadas nos estudos anteriores não se refere só à soma das ocorrências dos PO3F, mas também dessas outras alternativas de retomada anafórica. De facto, o objetivo de alguns deles era, na verdade, investigar o objeto nulo. Tal estratégia parece ser a mais utilizada para a retomada anafórica de objetos diretos, dependendo o uso de pronomes lexicais de certas variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Lira (2021) realizou uma série de experiências com falantes nativos do PB de modo que se pudesse mapear as variáveis que estimulam a produção de pronomes (clíticos ou fortes) em posição de objeto em oposição ao pronome nulo. Resumidamente, a autora pôde constatar que o uso de pronomes lexicais é estimulado (mas não obrigatório) quando o antecedente a que se referem é [+animado] e [+específico], além de quando o objeto se encontra numa ilha sintática, como, por exemplo, quando é o objeto numa oração adverbial causal:

- (4) O João<sub>i</sub> ficou triste porque a Mara não o<sub>i</sub> convidou/convidou ele<sub>i</sub>/??convidou Ø<sub>i</sub> para a festa.

Esses fatores, no entanto, não parecem influenciar o tipo de pronome lexical utilizado pelos falantes. De facto, parecem ser os fatores extralinguísticos, novamente, os responsáveis por essa alternância, nomeadamente o nível de escolaridade, a modalidade da produção e o nível de formalidade. Aliás, a autora salienta o esforço realizado nas tarefas experimentais para simular situações mais naturais de uso da língua numa tentativa de reduzir o nível de monitorização da fala, por exemplo, por meio da indução de trechos de diálogos. Ainda assim, devido ao alto grau de escolaridade dos participantes, os PO3C ocorreram em altas taxas, em especial “com antecedentes [+animado] (como alternativa aos pronomes tônicos), evidenciando a interferência da língua escrita sobre a língua falada, bem como a produtividade dessa forma para falantes com alto grau de escolaridade” (Lira, 2021, p. 209).

Além dos pontos referidos nos parágrafos anteriores, é importante salientar também que, para determinadas tarefas, os PO3F podem ser vistos como variantes estigmatizadas. Bagno (1999) refere que esse estigma está relacionado à fala de indivíduos com baixa escolarização, ainda que os dados previamente expostos demonstrem que ocorrem na fala de indivíduos que concluíram o ensino superior. No estudo de Schwenter *et al.* (2022) avaliou-se a percepção dos falantes nativos do PB ao uso de pronomes clíticos e fortes, entre eles os PO3. Em resumo, a média de avaliação atribuída aos falantes dos monólogos e diálogos que continham PO3F foi mais alta ao descreverem-nos como ‘amigáveis’, ao passo que aqueles que usavam os PO3C tiveram médias mais altas ao serem descritos como ‘educados’, ‘formais’, ‘irritantes’ e ‘pedantes’. Porém, os autores salientam o alto nível de variação individual observada, o que demonstra que o tipo de pronome não é o único fator em jogo nas avaliações.

Os dados supracitados demonstram que, à partida, os falantes têm conhecimento dos PO3C e conseguem utilizá-los ativamente nas suas produções, sejam elas orais, sejam elas escritas, especialmente “em algumas situações específicas e/ou com falantes cuja fala é influenciada pelo registro escrito” (Lira, 2021, p. 305). De facto, é possível que alguns desses participantes efetivamente utilizem os PO3C no seu quotidiano (e que, talvez, esses pronomes não estejam tão ausentes da linguagem oral) (*ibidem*, p. 191), podendo até mesmo ser, em determinado registro, o pronome mais facilmente acessível (p. 209), o que deverá refletir-se na maneira como são processados. É com esta perspetiva que se apresentam as questões de investigações e hipóteses na secção a seguir.

### 3. Questões de investigação e hipóteses

Existindo já uma literatura consistente sobre os PO3 no PB sob um viés sociolinguístico, propõe-se neste estudo aliar tarefas de produção que possibilitem diferentes graus de monitorização da fala a metodologias psicolinguísticas que envolvam medidas como o TR, averiguando até que ponto

esses efeitos do contacto com a variante adquirida durante o período de escolarização interferem no seu processamento (cf. Squires, 2014). Este estudo guiou-se pelas seguintes questões de investigação e hipóteses:

*Questão 1:* Existem diferenças no tipo de PO3 (forte ou clítico) produzido oralmente por falantes escolarizados nativos do PB devido ao grau de espontaneidade da produção?

*Hipótese 1:* Seguindo os estudos referidos na secção 2, espera-se que existam diferenças no sentido que, durante produções mais espontâneas (isto é, quando se preocupam mais com o que dizem do que como o dizem), os falantes priorizem a variante forte do PO3, por ser a mais natural na fala. Já os PO3C deverão surgir mais expressivamente numa tarefa em que a produção seja mais controlada devido à ação do monitor sociolinguístico (cf. Labov, [1972] 2008).

*Questão 2:* A variação que se observa reflete-se numa tarefa de processamento desses pronomes?

*Hipótese 2:* Como referido na secção 1, estruturas menos familiares (ou agramaticais) são processadas mais lentamente. Sendo a produção dos PO3C restrita a determinados contextos e globalmente produzidos oralmente em taxas muito baixas (cf. secção 2), espera-se que o processamento de itens que os contenham seja mais lento do que aqueles que contenham um PO3F pelo menor contacto que os falantes em geral têm com eles. A metodologia utilizada para o atingimento dos objetivos será descrita a seguir.

## 4. Metodologia

### 4.1. Amostra

No total, 24 participantes (12 mulheres) com uma média de idade de 33;5 anos participaram no estudo, sendo metade deles oriundos do estado do Rio Grande do Norte (RN) e a outra metade do estado do Rio Grande do Sul (RS).<sup>5</sup> Todos os participantes eram escolarizados, sendo que 4 (16,7%) tinham concluído somente o Ensino Médio, 13 (54,2%) possuíam um diploma superior ou técnico e sete (29,1%) eram pós-graduados. Ademais, todos eram monolíngues, embora 20 deles (83,3%) tenham estudado alguma língua estrangeira, e não tinham residido noutro país de língua oficial portuguesa. A tabela 2 reproduz o perfil dos participantes:

---

<sup>5</sup> A escolha destas regiões deu-se pela conveniência: um dos autores tem mais contacto com indivíduos oriundos do RS e outro com indivíduos oriundos do RN. Note-se que nos estudos referidos na secção 2 a variação diatópica não foi observada nos PO3.

**Tabela 2:** Perfil sociolinguístico da amostra.

n	24	
Média de idade (intervalo)	33,5 (18 – 46)	
Género	Feminino – 12 (50%) Masculino – 12 (50%)	
Nível de escolaridade	Ensino Médio – 4 (16,7%) Superior/Técnico – 13 (54,2%) Pós-Graduação – 7 (29,1%)	
Estado de origem	Rio Grande do Norte – 12 (50%) Rio Grande do Sul – 12 (50%)	
L2	Não – 4 (16,7%) Alemão – 4 (16,7%) Espanhol – 8 (33,3%)	Francês – 4 (16,7%) Inglês – 19 (79,2%) Italiano – 4 (16,7%)

**Fonte:** Elaboração dos autores.

## 4.2. Ambientação

O procedimento pelo qual os participantes passaram iniciava-se por um conversa informal entre o participante e a entrevistadora<sup>6</sup> por meio da plataforma Google Meet. A conversa continha tópicos alusivos à cultura da região em que os participantes moravam, bem como acerca das suas preferências relativamente não só àquilo que é considerado típico da sua região, mas também a outros aspetos das suas vidas, como passatempos e ritmo de vida. Esta etapa foi importante para criar um ambiente mais confortável para o participante, de modo que as suas produções se assemelhassem àquelas que produziriam noutros contextos com pessoas mais próximas a si. Após cerca de cinco minutos de conversa, dava-se início à primeira tarefa. As produções orais foram gravadas pelo telemóvel da entrevistadora e os áudios posteriormente transcritos por meio da funcionalidade ‘Transcrever’ do programa Word. A primeira tarefa será descrita a seguir.

## 4.3. Produção Espontânea

Na tarefa de produção espontânea, os participantes tinham de assistir a um excerto de cerca de quatro minutos do filme *O Garoto*, protagonizado por Charles Chaplin, em que a personagem principal encontrava um bebé abandonado num beco e procurava maneiras de resolver este problema.<sup>7</sup> Em seguida, deviam relatar à entrevistadora (entre quatro a cinco minutos) o que tinham visto; caso os participantes não atingissem o tempo mínimo estipulado, a entrevistadora intervinha fazendo-lhes perguntas sobre o vídeo ou sobre a opinião dos participantes acerca dele. Após o término da tarefa, procedia-se à tarefa de produção induzida.

<sup>6</sup> Natural do RN e com experiência em entrevistas sociolinguísticas.

<sup>7</sup> Considerou-se este vídeo apropriado para a tarefa, pois a maioria das ações no vídeo é protagonizada por Chaplin em relação ao bebé. Logo, o objeto dos verbos acaba por ser o bebé, com traços [+animado], e, em geral, [+determinado], o que estimula a produção de pronomes lexicais em detrimento do objeto nulo (cf. secção 2).

#### 4.4. Produção induzida

Nesta tarefa, os participantes tinham de ler uma frase incompleta em voz alta e, em seguida, completá-la baseados numa imagem e duas palavras que apareciam por debaixo dela, a qual era apresentada pelo programa PowerPoint, similarmente ao esquema abaixo:

(5) A menina ficou surpresa porque o mágico...

IMAGEM  
trazer palco

No total, tiveram de completar 48 frases. Destas, 10 eram itens de teste que estimulavam a produção dos PO3 e o restante distratores. Os itens de teste seguiam a mesma estrutura: eram compostos por uma oração matriz com um sujeito com os traços [+feminino] e [+humano] seguida por uma oração adverbial causal introduzida por *porque*, sendo que o sujeito desta oração continha os traços [-feminino] e [+humano]. De acordo com as imagens e as palavras por debaixo dela, o que se esperava era que os falantes utilizassem um PO3 ao completarem a oração adverbial causal que se referia ao sujeito da oração matriz. Destarte, o PO3F *ela* ou o PO3C *a* seriam usados. Deu-se preferência a pronomes femininos porque, tendencialmente, as frases eram completadas com um verbo no pretérito perfeito, o qual em português, em geral, termina por [w], som que se poderia confundir com o clítico masculino *o* caso este ocorresse em posição pós-verbal.<sup>8</sup> Por fim, ressalta-se que havia duas listas (A e B) com as mesmas imagens dispostas em diferente ordem, sendo que metade dos participantes realizou a tarefa com a lista A e a outra com a lista B. Em ambos os casos, os participantes puderam praticar com um item antes do início da tarefa; além disto, o primeiro item de ambas as listas era um distrator. Ao cabo desta etapa, procedeu-se à última tarefa.

#### 4.5. Sentence-matching

A tarefa de *sentence-matching* (Freedman; Foster, 1985) foi realizada por meio da ferramenta Gorilla Experiment Builder ([www.gorilla.sc](http://www.gorilla.sc)) (Anwyl-Irvine *et al.*, 2019) durante os meses de abril, maio e junho de 2023. Nesta tarefa, inicialmente surgia no centro do ecrã uma cruz que ficava visível por 500ms e, ao cabo desse tempo, uma frase surgia no canto superior esquerdo do ecrã. Depois de 2000ms, outra frase surgia no canto inferior direito do ecrã. A partir do momento da aparição da segunda frase, competia ao participante decidir se as duas frases eram iguais, isto é, se continham as mesmas palavras na mesma ordem. Para tal, faziam uso do teclado do computador, carregando na

<sup>8</sup> No PB, a tendência geral de ocorrência dos clíticos é em próclise ao verbo de que são complemento. No PE, contextos morfossintáticos específicos serão responsáveis pela colocação pronominal (*vd.* Martins, 2013). Contudo, a ênclise ainda ocorre no PB, especialmente na modalidade escrita, visto que a escola é responsável por ensinar o padrão de colocação europeu (*cf.* Lobo, 2002), num raciocínio similar ao que acontece com os PO3C. Assim, embora a colocação pré-verbal seja a colocação típica do PB, dado o esperado maior nível de monitorização empregado durante a tarefa de produção induzida, não se descartou a possibilidade de a ênclise emergir.

tecla A para frases que fossem iguais e na tecla L para frases que fossem diferentes.<sup>9</sup> Quando a decisão fosse tomada, outra cruz aparecia e o processo repetia-se. Note-se que a tomada de decisão também era restrita: os participantes dispunham de 2500ms para tomá-la. Se a decisão não ocorresse dentro do período estipulado, a experiência avançava.<sup>10</sup>

No total havia 180 itens, os quais continham 16 ou 17 sílabas ( $M = 16,5$ ). Destes itens, seis continham frases com um PO3C numa ilha sintática (oração adverbial introduzida por *porque*) (6) e outros seis continham frases com um PO3F (7):

- (6) O José está feliz porque a Camila o beijou. / O José está feliz porque a Camila o beijou.<sup>11</sup>
- (7) O Pedro ficou feliz porque a Clara abraçou ele. / O Pedro ficou feliz porque a Clara abraçou ele.

Os demais 168 itens não continham PO3C ou PO3F, apesar de 60 conterem o pronome clítico reflexo de terceira pessoa *se* usado para outro estudo.<sup>12</sup> Todos os itens de teste eram concordantes, ou seja, ambas as frases eram iguais. Os restantes 108 distratores estavam divididos da seguinte maneira: 20 distratores concordantes com frases gramaticais (8), 20 distratores concordantes com frases agramaticais (9), 34 distratores discordantes com frases gramaticais (10) e 34 distratores discordantes com frases agramaticais (11):

- (8) Os convidados queriam saber onde era a festa. / Os convidados queriam saber onde era a festa.
- (9) Eu acabei comprando a blusa quem é amarela. / Eu acabei comprando a blusa quem é amarela.
- (10) A Michele saiu apressadamente do cinema. / A Michele saiu do cinema apressadamente.
- (11) Este é a casa o que eu vivi quando pequena. / Este é a casa o que eu morei quando pequena.

<sup>9</sup> O racional por detrás desta metodologia reside no facto de que os participantes decidem mais rapidamente se um par é igual ao outro se houver a criação duma representação estrutural ao ser lida a primeira frase, a qual será comparada à representação estrutural da segunda frase sem a necessidade de estratégias menos céleres, como a leitura palavra por palavra (Freedman; Foster, 1985). Sendo os PO3C adquiridos pela via escolar e sendo pouco frequentes nos enunciados orais (especialmente nos informais), isto é, são menos familiares, prevê-se uma maior dificuldade em decidir se as frases que os contêm são iguais em comparação às frases com os PO3F (cf. Hipótese 2).

<sup>10</sup> É importante salientar que, pelo facto de as entrevistas terem sido conduzidas em linha, não se pôde controlar certas variáveis relacionadas ao equipamento utilizado pelos participantes. Ainda que o ideal seja uma uniformidade em relação a este ponto, há evidências de que o registo do TR é minimamente influenciado por esta variável (vd. Anwyl-Irvine *et al.*, 2021).

<sup>11</sup> Os exemplos de (6) a (11) exibem a ordem de aparição das frases por item.

<sup>12</sup> Embora a quantidade de itens de teste pareça baixa em relação aos distratores, ressalta-se que os itens que continham o pronome clítico reflexo *se* se distribuíam em dez contextos que continham seis itens cada. Apesar de um maior número de itens ser indicado para uma melhor predição estatística, de modo que o rácio 2:3 pudesse ser mantido, o aumento dos itens com os PO3C e PO3F implicaria, necessariamente, no aumento de distratores numa tarefa já longa e de alta demanda cognitiva.

Assegurou-se a discordância com alterações na ordem de palavras (exemplo 10) ou troca de palavras (exemplo 11). Ressalta-se que a presença de itens discordantes foi importante para que os participantes não ficassem condicionados a carregar somente numa tecla. Por fim, salienta-se que os itens eram aleatorizados todas as vezes que a tarefa era realizada e, a cada 36 itens, os participantes podiam descansar pelo tempo que lhes conviesse, retornando à tarefa em seguida. Os resultados serão apresentados a seguir.

## 5. Resultados

Como tem sido descrito na literatura, a produção de PO3 lexicais foi baixa durante a tarefa de produção espontânea.<sup>13</sup> Houve, no total, a produção de 61 PO3, sendo 56 PO3F (91,8%) (12a), produzido por 20 participantes, e cinco PO3C (8,2%) (12b), produzidos por somente três participantes: um deles produziu-os três vezes e não produziu PO3F; os outros dois participantes produziram um PO3C cada, sendo que um produziu também um PO3F e outro produziu dois.<sup>14</sup>

- (12) a. [...] ele encontrou ela abandonada.  
b. [...] presumo que quem deixou a criança a deixou [...]

Na tarefa de produção induzida, do total de 196 pronomes lexicais produzidos, 173 foram PO3C (88,3%) (13a) e 23 foram PO3F (11,7%)<sup>15</sup> (13b):

- (13) a. A menina ficou surpresa porque o mágico a trouxe para o palco.  
b. A menina ficou surpresa porque o mágico trouxe ela ao palco.

Em relação à variabilidade intra-sujeito, no que tange à produção induzida de PO3 lexicais, 12 participantes (50% da amostra) utilizaram apenas PO3C nas suas respostas e apenas um (4,17% da amostra) não utilizou nenhum. Aliás, este foi o participante que mais usou os PO3F, produzindo-os seis vezes (60% do total de itens).

Para as médias da tarefa de *sentence-matching*, consideraram-se apenas os itens que os participantes corretamente classificaram como concordantes (cf. Duffield; Matsuo; Roberts, 2007), o que ocorreu a uma taxa de 89,93%. A média de julgamentos corretos de três participantes foi menor do que dois desvios padrão, pelo que foram excluídos, elevando a taxa de julgamentos corretos para

<sup>13</sup> O objeto nulo, por outro lado, foi uma estratégia muito mais utilizada: todos os participantes o utilizaram, num total de 104 ocorrências.

<sup>14</sup> Das cinco ocorrências de PO3C, três ocorreram em ênclise a um verbo no infinitivo e dois em próclise a um verbo no presente do indicativo, uma tendência desses clíticos em específico (vd. Nunes, 1993).

<sup>15</sup> Também se encontraram 10 pronomes nulos e 34 outras respostas sem PO3C ou PO3F, sendo três destas ocorrências com o pronome dativo *lhe* em função acusativa. Note-se que os participantes tinham de completar as frases a partir das imagens e palavras que apareciam por debaixo dela; neste sentido, alguns participantes foram mais criativos do que outros e acabaram por não utilizar a estrutura alvo que se esperava que usassem. Relativamente à posição dos PO3C, 134 (77,5%) ocorreram em próclise e 39 (22,5%) em ênclise.

92,46%. Em seguida, após um cálculo inicial da média de TR por contexto, os TR dois desvios padrão abaixo ou acima dessa média foram excluídos, o que afetou 3% dos dados. Após esta filtragem, constatou-se que os itens que continham um PO3C tiveram um TR médio de 1638ms (DP = 374ms) e os que continham um PO3F tiveram um TR médio de 1650ms (DP = 298ms).

A análise estatística foi feita por meio da ferramenta RStudio (<https://www.R-project.org/>) (R CORE TEAM, 2021). Na produção espontânea, o teste de Qui-quadrado apontou que a produção de PO3F é significativamente mais alta do que a de PO3C ( $\chi^2 = 42,639(1)$ ,  $p < 0,001$ ). Por outro lado, na produção induzida, o teste de Qui-quadrado indicou que a preferência pelos PO3C em detrimento dos PO3F é estatisticamente relevante ( $\chi^2 = 114,8(1)$ ,  $p < 0,001$ ). Nas análises dos TR da tarefa de *sentence-matching*, inicialmente realizou-se um teste de Shapiro-Wilk, em que se viu que a distribuição da amostra não era normal ( $W = 0,987$ ,  $p = 0,033$ ). Em seguida, realizou-se o teste de Kruskal-Wallis, que, contudo, não apontou diferenças nas médias globais de TR entre os PO3C e os PO3F ( $\chi^2 = 0,26922(1)$ ,  $p = 0,604$ ). Todos os resultados aqui descritos estão compilados na tabela 3 e serão discutidos a seguir.

**Tabela 3:** Resultados das tarefas de produção espontânea e induzida, *sentence-matching* e análise estatística.

	PO3F	PO3C	$\chi^2$	p
Produção espontânea	56 (91,8%)	5 (8,2%)	42,639(1)	<0,001
Produção induzida	23 (11,7%)	173 (88,3%)	114,8(1)	<0,001
<i>Sentence-matching</i>	1650ms	1638ms	0,26922(1)	0,604

**Fonte:** Elaboração dos autores.

## 6. Discussão

Este trabalho teve como objetivo estudar a variação existente entre os PO3C e os PO3F no PB fazendo uso não só de dados de produção oral, mas também duma metodologia que proporcionasse dados de processamento destes pronomes. O estudo guiou-se por duas questões de investigação, as quais são retomadas nesta secção.

A primeira questão (*Existem diferenças no tipo de PO3 (forte ou clítico) produzido oralmente por falantes escolarizados nativos do PB devido ao grau de espontaneidade da produção?*) focou-se nos dados de produção. Observou-se que, na tarefa de produção espontânea, o pronome lexical de eleição foi o PO3F (91,8%), em consonância com aquilo que é descrito para o PB (cf. secção 2). Os PO3C foram somente 8,2% das ocorrências de PO3, tendo sido produzidos por apenas três participantes. Na tarefa de produção induzida, por outro lado, os PO3C foram mais abundantes, representando 88,3% das ocorrências de PO3, tendo sido produzidos por 23 dos 24 participantes. Logo, a questão 1 pode ser respondida de modo afirmativo.

Estes dados, apesar de parecerem paradoxais, já eram esperados. A Hipótese 1 previa o cenário exposto devido ao grau da espontaneidade nas produções. Sendo os PO3C adquiridos por via escolar, é de se conjecturar que desde o princípio desse processo de aquisição um foco sobre a sua morfossintaxe seja priorizado. Assim, as diferenças nas taxas entre os tipos de produção poderão advir de um suposto grau de proficiência relacionado às variantes que são mais apropriadas para satisfazerem os seus objetivos durante a produção no que tange à sua adequação social e contextual (cf. Jakubów; Corrêa, 2019), por influência do monitor sociolinguístico (Labov, [1972] 2008).

De facto, tal monitor depende de processos mais conscientes, o que também ajuda a explicar a diferença entre as duas tarefas, visto que na produção induzida, em que se exigia a construção duma frase por meio de pistas visuais e linguísticas, o nível de consciência linguística será, à partida, mais alto do que, por exemplo, na descrição de um vídeo, em que a preocupação recai sobre a mensagem propriamente. Note-se, no entanto, que quase metade da amostra produziu pelo menos uma vez os dois pronomes durante a tarefa de produção induzida, o que parece indicar que os processos que guiam o nível de monitorização não são constantes e poderão estar associados a outros fatores.

Ressalta-se, também, o facto de que os únicos três participantes a utilizarem os PO3C na descrição do vídeo eram pós-graduados. Numa análise *post hoc* individual dos resultados da tarefa de produção espontânea, observou-se que quase um terço dos falantes pós-graduados e dois falantes com nível superior evitaram os PO3F, priorizando objetos nulos e sintagmas nominais para a retomada anafórica, ao passo que todos os falantes com apenas o diploma de Ensino Médio os produziram pelo menos uma vez. Já na análise descritiva *post hoc* da tarefa de produção induzida<sup>16</sup>, viu-se que, independentemente do grau de escolaridade, os PO3C foram mais produzidos do que os PO3F, o que parece demonstrar que a continuidade nos estudos para além do Ensino Médio não interfere na capacidade de os falantes produzirem os PO3C, desde que o nível de monitorização e, possivelmente, a adequação social lho permitam.<sup>17</sup> Apresentam-se tais dados na tabela 4:

<sup>16</sup> Por haver disponibilidade de dados, também se comparou o desempenho dos falantes nesta tarefa de acordo com a sua origem, a sua idade e o seu género. As duas primeiras variáveis não foram relevantes; no entanto, observou-se uma preferência mais acentuada pelos PO3C entre as mulheres (94,4%, contra 81,4% entre os homens), como antecipa Labov ([1972] 2008) acerca da preferência das mulheres por variantes de mais prestígio. Contudo, depreende-se destes dados que o nível de monitorização deverá, aparentemente, ser mais alto para que sejam efetivamente produzidos. Importantemente, este tipo de resultado concernente ao género levanta questões sobre qual será o papel das mulheres na manutenção dos clíticos no PB – um ponto que merece atenção em investigações futuras.

<sup>17</sup> Note-se que não se pode afirmar se o uso dos PO3C pelos três falantes durante a tarefa de produção espontânea é resultado duma influência pontual do monitor sociolinguístico ou se esses pronomes são efetivamente utilizados por esses falantes no seu quotidiano (cf. Lira, 2021, p. 191). Ademais, apesar de os dados estarem alinhados com o que se encontra na literatura, pede-se cautela na interpretação deles, dada a disparidade no número amostral de participantes em cada nível de escolaridade.

**Tabela 4:** Resultados das tarefas de produção espontânea e produção induzida por nível de escolaridade.

	Produção espontânea			Produção induzida		
	Ensino Médio	Superior Técnico	Pós-Graduação	Ensino Médio	Superior Técnico	Pós-Graduação
<b>PO3F</b>	16 (100%)	29 (100%)	11 (68,8%)	1 (2,9%)	17 (17,2%)	5 (7,9%)
<b>PO3C</b>	0 (0%)	0 (0%)	5 (31,2%)	30 (97,1%)	82 (82,8%)	58 (92,1%)

Fonte: Elaboração dos autores.

A segunda questão de investigação (*A variação que se observa reflete-se numa tarefa de processamento desses pronomes?*) preocupou-se com o TR na tarefa de *sentence-matching*. Como argumentam Squires (2014) e Kaschak & Glenberg (2004), uma maior familiaridade com (o que pode ser também entendido como uma maior exposição a) uma determinada construção facilita o seu processamento. No caso dos PO3 no PB, já que os PO3C são menos frequentes no *input* a que os falantes estão expostos no seu dia a dia, esperava-se que fossem processados mais lentamente do que os itens com os PO3F. No entanto, contrariamente à Hipótese 2, não houve diferença entre os TR dos itens que continham os PO3C e os itens que continham os PO3F, o que foi confirmado pela análise estatística e permite responder à questão 2 negativamente.

Contudo, recorde-se de que a tarefa de *sentence-matching* foi executada a seguir à tarefa de produção induzida. Ora, foi nesta tarefa que os participantes mais utilizaram os PO3C. Logo, pode-se postular um efeito de *priming* sintático: uma vantagem no processamento ou produção duma estrutura sintática recentemente ouvida ou dita (*vd.* Pickering; Ferreira, 2008).

Por outro lado, poderá ter sido a inibição dos PO3F que causaram um retardo no TR dos itens com estes pronomes. Em estudos conduzidos com bilingues, o controlo inibitório é o mecanismo responsável por suprimir a língua não alvo num determinado enunciado para que a língua alvo seja acessada<sup>18</sup> (Green, 1998). Ainda que, à partida, os participantes deste estudo sejam considerados monolingues, ressalta-se que, para Kato (2005), o processo de aprendizagem de estruturas que diferem do conhecimento morfossintático da gramática nuclear das crianças aquando do início da escolarização se assemelha à aprendizagem duma língua segunda. Neste sentido, não se descarta que estes indivíduos façam uso de mecanismos cognitivos semelhantes<sup>19</sup>, embora não esteja claro como este processo funcionaria no caso desta população em específico, visto que tampouco está claro como

<sup>18</sup> Uma das consequências desse processo surge em tarefas que o indivíduo precise de trocar de uma língua para outra, sendo, em geral, mais custoso (*i.e.*, um TR mais alto), pelo menos a nível lexical, para que se troque da língua não dominante para a língua dominante (Meuter; Allport, 1999). Note-se, porém, que os itens na tarefa de *sentence-matching* foram apresentados aleatoriamente, não sendo possível determinar nem se os participantes foram expostos primeiramente a um item com um PO3F ou com um PO3C, nem quantos distratores estavam inseridos entre cada exibição.

<sup>19</sup> Aliás, estes mesmos mecanismos poderão estar por trás da facilitação no processamento de construções não padrão após a exposição a elas observada por Squires (2014) e Kaschak & Glenberg (2004).

variantes linguísticas são efetivamente armazenadas, como interação e, crucialmente, quais as suas repercussões cognitivas (cf. Lønes; Kamide; Melinger, 2023, p. 121).

Seguindo o mesmo raciocínio, o facto de terem lido as frases durante a tarefa de *sentence-matching* também poderá ter interferido no desempenho dos participantes. Como os PO3C são adquiridos por via escolar, eles estão intimamente ligados à linguagem escrita. Nos estudos mencionados na Secção 2, a modalidade da produção mostrou-se relevante, estimulando a produção escrita de PO3C e coibindo a produção de PO3F. Destarte, visto que a experiência com os PO3C que os falantes têm está tendencialmente ligada a tal modalidade, os seus efeitos poderão ter ou facilitado o processamento dos itens com PO3C, ou inibido o processamento dos PO3F (cf. Elkhafif *et al.*, 2024).

Não obstante a discussão acima, pode-se ainda contestar a adequação da metodologia de *sentence-matching*. Embora usada em diferentes pesquisas (e.g., Duffield *et al.*, 2002; Freedman; Foster, 1985), não ficou isenta de críticas (e.g., Gass, 2001), pois algumas delas falharam em demonstrar diferenças de TR entre, por exemplo, frases gramaticais e agramaticais numa determinada língua.<sup>20</sup> Neste estudo distratores concordantes gramaticais e agramaticais foram incluídos o que permitiu trazer dados que validassem a tarefa como foi construída: se as frases seguramente agramaticais não fossem processadas mais lentamente do que as frases gramaticais, poder-se-ia pôr em causa o desenho experimental.<sup>21</sup> Assim, o TR dos distratores gramaticais foi de 1575ms (DP = 344); já o TR dos distratores agramaticais foi de 1713ms (DP = 345), diferença esta confirmada pelo teste de Kruskal-Wallis ( $\chi^2 = 23,147(1)$ ,  $p < 0,001$ ). Mais além, num estudo em andamento que utiliza esta mesma metodologia com falantes nativos de PE, o TR médio dos PO3F (agramaticais nesta variedade) aparentam ser mais lentos (1650ms, DP = 354) do que o TR dos PO3C (1552ms, DP = 335). Logo, estas comparações sugerem que a metodologia foi adequada, o que conta a favor da fiabilidade dos resultados da tarefa e sugere que os motivos para a ausência de diferença entre o TR dos itens com PO3C e dos itens com PO3F poderá advir duma combinação dos argumentos psicolinguísticos apresentados.

## Considerações finais

A união de diferentes metodologias psicolinguísticas para o estudo da variação linguística traz diversas vantagens para a compreensão de certos fenómenos. No caso dos PO3 no PB, pelo facto de serem alvo do ensino escolar, essa união pode trazer dados importantes sobre o efeito cognitivo da aquisição por via escolar no conhecimento gramatical dos falantes, bem como trazer pistas sobre os processos que atuam na seleção de uma ou outra variante.

<sup>20</sup> Para uma explicação para a ausência de efeitos de gramaticalidade, nomeadamente no caso de construções causativas com o clítico mal posicionado em francês, veja-se Duffield, Matsuo & Roberts (2007).

<sup>21</sup> É importante ressaltar que não existe um valor basal de TR para frases gramaticais ou agramaticais. Os estudos que fazem uso desta metodologia chegam a conclusões sobre o efeito de (a)gramaticalidade devido à existência de diferença estatisticamente significativa entre os TR dos itens alvo nos estudos.

Em suma, os resultados das tarefas de produção parecem apontar para uma efetiva aquisição dos PO3C por meio da escolarização (o que, aliás, indicará que as propriedades universais da morfologia ainda estão disponíveis para serem adquiridas aquando do início do ensino desses pronomes); a preferência por uma ou outra variante deverá ser mais uma questão de desempenho estimulada pela adequação social e contextual do que de competência (cf. Chomsky, 1981). Importantemente, estes resultados também sugerem que, em potenciais estudos que comparem, por exemplo, o desempenho de falantes nativos do PB a aprendentes do PB língua segunda por meio de tarefas que permitam um alto grau de monitorização, vieses poderão ocorrer caso tais aprendentes não sejam (ainda) sensíveis às nuances sociolinguísticas que permeiam o conhecimento dos nativos escolarizados.

Por outro lado, ao analisarem-se os TR no processamento de frases com esses dois pronomes, não se observaram diferenças estatisticamente significativas nessa medida, o que sugere que fatores como o maior uso dos PO3C na tarefa anterior e uma suposta inibição dos PO3F poderão ter interferido nos TR, embora existam na literatura lacunas relativamente aos processos cognitivos envolvidos no processamento de variantes. Logo, ainda que os resultados cá obtidos apontem para determinadas direções, somente a continuidade nos estudos que aliem metodologias psicolinguísticas e sociolinguísticas variadas poderão trazer luz às dúvidas que permanecem e às outras que hão de surgir.

## Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais portugueses através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/03219 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL) – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL), bem como no âmbito da bolsa de doutoramento 2021.05667.BD do primeiro autor.

## Referências

ANWYL-IRVINE, A. *et al.* Realistic precision and accuracy of online experiment platforms, web browsers, and devices. *Behavior Research Methods*, v. 52, n. 1, pp. 1407-1425, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13428-020-01501-5>.

ANWYL-IRVINE, A. *et al.* Gorilla in our midst: An online behavioral experiment builder. *Behavior Research Methods*, v. 52, pp. 388-407, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13428-019-01237-x>.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERBERT, A. T. F. L. *Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala de Vitória*. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

- CARDINALETTI, A. & STARKE, M. The typology of structural deficiency. *Clitics in languages of Europe*, pp. 145-234, 1994.
- CHEVROT, J.-P.; DRAGER, K. & FOULKES, P. Editors' introduction and review: sociolinguistic variation and cognitive science. *Topics in cognitive science*, v. 10, n. 4, pp. 679-695, 2018.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CLOPPER, C. G. Sound change in the individual: effects of exposure on cross-dialect speech processing. *Laboratory Phonology*, v. 5, n. 1, pp. 69-90, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1515/lp-2014-0004>.
- CORRÊA, V. *Objeto direto nulo no português do Brasil*. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- DUARTE, M. E. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.
- DUARTE, M. E. Aspectos contrastivos entre o português do Brasil e o português europeu. In: RAPOSO, E. A. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2020, v. 3, pp. 2732-2779.
- DUFFIELD, N.; MATSUO, A.; ROBERTS, L. Acceptable ungrammaticality in sentence matching. *Second Language Research*, v. 23, n. 2, pp. 155-177. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1177/0267658307076544>.
- DUFFIELD, N. *et al.* Clitic placement in L2 French: evidence from sentence matching. *Journal of Linguistics*, v. 38, pp. 1-37, 2002.
- ELKHAFIF, B. *et al.* Are syntactic representations similar in both reading and listening? Evidence from priming in first and second languages. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, v. 77, n. 1, pp. 160-173, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/17470218231159588>.
- FREEDMAN, S. E.; FORSTER, K. I. The psychological status of overgenerated sentences. *Cognition*, v. 19, pp. 101-131, 1985.
- GASS, S. M. Sentence matching: a re-examination. *Second Language Research*, v. 17, pp. 421-441, 2001.
- GREEN, D. W. Mental control of the bilingual lexico-semantic system. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 1, pp. 67-81. 1998.
- JAKUBÓW, A. P.; CORRÊA, L. M. Variation under a psycholinguistic perspective: number agreement in Brazilian Portuguese and the impact of schooling. *Ilha do Desterro*, v. 72, n. 3, pp. 101-122, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p101>.
- KASCHAK, M. P.; GLENBERG, A. M. This construction needs learned. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 133, pp. 450-467, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1037/0096-3445.133.3.450>.
- KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A. *et al.* (org.) *Ciências da Linguagem: 30 Anos de Investigação e Ensino*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2005, pp. 131-145.

- KATO, M.; CYRINO, S.; CORRÊA, V. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition*, pp. 245-272, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110215359.2.245>.
- KAYNE, R. S. *French Syntax: The Transformational Cycle*. Massachusetts: MIT Press, 1975.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.
- LIRA, R. F. *Cheio ou vazio? Efeitos semânticos e sintáticos na produção do objeto direto anafórico*. 2021. 276 f. Tese (Doutoramento em Letras/Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- LOBO, T. A sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. *O Português Quinhentista: Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- LØNES, E. H.; KAMIDE, Y.; MELINGER, A. Speaking in dialects: How dialect words are represented and selected for production. In: FEDERMEIER, K. D.; MONTAG, J. L. *Psychology of Learning and Motivation*. Academic Press, v. 78, pp. 119-159, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/bs.plm.2023.02.003>.
- LUÍZE, T. *Entre o PE e o PB: o falar açoriano de Florianópolis*. 1997. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- LUKA, B. J.; BARSALOU, L. W. Structural facilitation: mere exposure effects for grammatical acceptability as evidence for syntactic priming in comprehension. *Journal of Memory and Language*, v. 52, n. 3, pp. 436-459, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jml.2005.01.013>.
- MARTINS, A. M. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. P. *et al. Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, pp. 2231-2302.
- MEUTER, R. F.; ALLPORT, A. Bilingual language switching in naming: Asymmetrical costs of language selection. *Journal of Memory and Language*, v. 40, pp. 25-40, 1999.
- NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, pp. 207-222.
- OMENA, N. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.
- OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 1, pp. 147-185, 2018.
- OTHERO, G. A. *et al.* Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. *Revista da Anpoll*, v. 45, n. 1, pp. 68-89, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i45.1113>.
- PICKERING, M. J.; FERREIRA, V. S. Structural priming: A critical review. *Psychological Bulletin*, v. 134, n. 3, pp. 427-459, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.3.427>.

R CORE TEAM. *A language and environment for statistical computing*. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2021.

SCHWENTER, S. A. *et al.* Speakers' subjective evaluations of direct object pronouns in Brazilian Portuguese. *Toronto Working Papers in Linguistics*, v. 44, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33137/twpl.v44i1.36730>.

SQUIRES, L. Social differences in the processing of grammatical variation. *Selected papers from NWAV 42*, v. 2, pp. 178-188, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, [1968] 2006).

ZANELATO, C. A. Objeto direto anafórico: uma pesquisa em tempo real nas revistas da Turma da Mônica. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 8, 2017. *Anais Eletrônicos*. Vitória, 2017.